



Antonio Simas Santos

“Trumpinoma” o cancro americano

“Trumpinoma” é um termo que, de uma forma criativa, descreve a malignidade ou impacto negativo que muitos sectores, americanos e internacionais, associam à figura de Donald Trump. “Trumpinoma” combina Trump, referindo-se a Donald Trump, com carcinoma, uma forma de cancro, sugerindo que a presença ou influência de Trump é percebida como uma doença maligna na sociedade.

E, de facto, assim é.

A presidência de Donald Trump foi polarizadora, com opiniões divergentes sobre suas políticas e seu estilo de liderança. O seu governo foi sempre marcado pela truculência e autoritarismo, como estilo, e por debates intensos e controversias em muitas áreas, tanto a nível nacional como internacional.

Trump é uma figura política única que influenciou significativamente o cenário político nos Estados Unidos durante seu mandato e que continua a desempenhar um papel importante na política do país mesmo após deixar o cargo. O que é extraordinário, tendo em conta a miríade de processos -judiciais em que está envolvido, quer de carácter económico quer criminal.

Apesar desses processos e das indemnizações astronómicas a que já foi condenado (a última ultrapassa os 400 milhões de dólares!) e acções criminais que estão a decorrer, Trump será o candidato republicano às próximas eleições presidenciais. Objetivamente, conseguiu sequestrar, completamente e de forma disruptiva, o partido republicano que sendo um partido conservador, era um partido democrático com figuras de relevo, quer no plano político quer no plano intelectual.

Embora inteligente e com um claro charme popular, Trump nunca foi dado à cultura e às práticas intelectuais. Teve, Steve Bannon, como assessor e conselheiro que moldou e estruturou o seu pensamento político e ao qual ele soube dar o colorido de um populismo de circo com a sua figura histriónica de cabeleira loura e esvoaçante, num estilo profundamente egocêntrico e exibicionista.

Steve Bannon emergiu como uma das figuras mais influentes e controversas na política mundial recente, justamente pelo seu papel como conselheiro-

chefe de Donald Trump. Tendo as suas ideias e estratégias, sido fundamentais na remodelação do cenário político, não apenas nos Estados Unidos, mas globalmente.

A ideologia de Steve Bannon é uma mistura de nacionalismo económico, populismo de direita, anti-globalização e conservadorismo cultural. Ele defende um mundo onde as nações valorizam seus próprios interesses económicos e culturais acima da globalização e do cosmopolitismo. Critica veementemente as elites políticas e económicas, acusando-as de trair os interesses do “povo comum” e promover políticas que beneficiam a globalização em detrimento da soberania nacional.

Bannon demonstrou um profundo entendimento do poder dos meios digitais e da comunicação estratégica para mobilizar bases eleitorais. Tendo utilizado, uma combinação de narrativas populistas e nacionalistas, para captar e amplificar o sentimento de descontentamento entre grandes segmentos da população. Demonstrando mestria na utilização dos meios de comunicação para disseminar essas ideias, reformulou o guião político tradicional, destacando a eficácia de abordagens não convencionais na era digital. Coletando um exército de seguidores na Europa e no nosso próprio país.

A capacidade comunicacional de Trump, a iliteracia política e cultural de largos sectores da sociedade americana e a cobardia do partido republicano (em pânico por perder o poder) fizeram o resto. Estando a sociedade americana a ser abalada nos seus alicerces democráticos e no seu papel como guardião da liberdade.

O “Trumpinoma” invade o corpo da nação americana como as células cancerosas invadem o corpo humano. Pelo que apenas uma grande união da nação americana, amante de liberdade, poderá sustentar uma vitória de Donald Trump que poderá precipitar um conflito mundial, porque dele nunca poderemos esperar diálogo e contenção. Um homem que ameaça, publicamente, o seu povo com um banho de sangue se perder as eleições, é mesmo capaz de tudo.

Perigo a levar muito a sério, tendo em conta o seu comportamento, face à anterior derrota.



João Paim Vieira

Os verdadeiros resultados das eleições do dia 10 de Março de 2024

Hoje apresento-lhes um pequeno exercício simplificado sobre as eleições do passado dia 10, fazendo as contas pelo número de votos e não por esquemas instituídos previamente.

	Deputados		
	VOTOS	AR falsa	AR verdadeira
AD	1814222	77	68
PS	1812469	78	68
CHEGA	1169836	50	44
IL	319685	8	12
BE	282314	5	11
PCP-PEV	205436	4	8
L	204676	4	8
PAN	126085	1	5
ADN	102032	0	4
PPD-CDS	52992	3	2
RIR	26121	0	0
Votos	6115868	230	230

Portanto, 26.591 votos por deputado.

Um cidadão-um voto, é a definição mais comum de democracia, não é a nossa com os métodos de Hondt, a que chamo honte em francês ou vergonha em Português.

Como pode ser aceitável que os deputados de uns partidos sejam mais custosos de conseguir?

Que um pode ter deputados com 23.000 votos e outro com 102.032 votos possa ficar sem representação na AR democrática, a saber o ADN, desconheço o que é, mas deve ser divertido para o afastarem assim da nossa casa Mãe; aliás, o RIR também ficou de fora.

Claro que há freguesias, concelhos, cidades grandes e pequenas, partidos e partidinhos, regiões autónomas e outras menos, e cidadãos daqui e dali, mais ou menos iguais, caciques e presidentes de partidos, de freguesias e por aí acima.

Mas a realidade continua a mesma e beneficia os grandes, prejudicando os pequenos. Grande novidade, foi feita mesmo para isso.

Não tenho nada a favor nem contra os que teriam mais ou menos deputados, mas toda a variedade seria bem vinda.

E o manicómio que por lá se instalou só me dá razão: o RIR vai fazer mesmo falta, até vou descobrir o que é. Quem sabe? Posso RIR com eles...